

NOITE
DE
CHUVA
EM
SEVILHA

E U ia descer no mesmo dia para Algeciras, rumo ao reino de Marrocos, mas chovia tanto em Sevilha na hora de escurecer que eu parece que ouvia lamentos da viola de Garcia Lorca no chôro das águas, e sentia na penumbra o nariz de João Cabral de Melo Neto fungando os ares, e disse a Afonso XIII: pernoitarei aqui.

Não foi precisamente a D. Afonso, reconheço, mas ao porteiro do hotel que tem seu nome, e me haviam indicado como o mais conveniente ao meu confôrto e condição, pelo seu pátio andaluz e seu salão mourisco. Ainda caminhei torrencialmente até o Alcazar, perambulei entre colunas, arcadas e ventanales, frisos caligráficos de azul-cobalto e capitéis califais. No Pátio das Cem Donzelas, entre 52 colunas de mármore, não havia donzela nenhuma; em vista do que, saí, contornei a catedral encharcada de gótico na escuridão e desemboquei na rua chamada Sierpes, boa rua, uma Rua do Ouvidor andaluza, viva rua, estreita e alegre, humana e sem carros, cheia de luzes e vozes. Mas chovia! Entrei num cinema, vi pedaços de um filme de "far west" dublado em espanhol, saí na esperança de lá fora haver lua, pois desde Roma e Lisboa eu estava vigiando a lua crescer e aquela noite devia ser de lua cheia, luna lunera sôbre o Guadalquivir — qual lua cheia!

Agora a noite estava preta e havia era chuva cheia enchendo a noite e o ar; no meio das águas divisei a luz de um táxi, recolhi-me ao meu Hotel Afonso XIII, sentindo-me exausto e

molhado e pensando — vou comer, dormir, morar aqui para todo o sempre. Mas quando desci do apartamento, todo limpo e barbeado com roupas e sapatos secos, e enfrentei o salão do restaurante do hotel, havia lustres tão solenes e música de câmara tão grave e convencional como a careca de um senhor de prêto que jantava tristemente ao lado de uma senhora feia no imenso comedor quase deserto; recuei até a portaria e com minha natural infidelidade resolvi jantar em outro hotel que divisei a trezentos metros de distância, chamado Cristina.

Molhei-me bem na travessia, mas tomei um trago para me restaurar e descobri que no subsolo havia uma bodega; bodega aliás era apenas seu nome, na verdade uma boate estritamente familiar. Quando entrei, um casal vestido de vermelho batia castanholas e dançava; não acho grave indiscrição dizer que a môça usava calcinhas brancas, pois isso se via perfeitamente no alto de suas pernas morenas cada vez que ela rodopiava com bravura enquanto o rapaz se entregava a um sapateado frenético. Depois, uma senhora com ares de cigana cantou algo *flamenco* — e foi aí que chegou o famoso mágico internacional. Achei que era hora de sair, mas quando cheguei lá em cima a chuva era insuportável, total. Ao retomar meu lugar no balcão vi que o mágico pedia a um cavalheiro que escolhesse uma carta e a rasgasse ao meio — mas isso evidentemente é história para outra crônica, na semana que vem.

apareceu

RN 422
LIVRO "Algeciras"